



Artigo de Ação Extensionista

Educação - reinvenções e absurdos em tempos da Covid-19

Education - reinventions and absurdities in Covid-19 times

Cristiane Samária Gomes da Silva¹
Edgard Luiz Bernardes Valderramas²
Patrícia Cristina de Souza Basilio³
Pollyana Ferrari⁴

Resumo

Na abordagem das relações entre as pessoas e as tecnologias, o mundo está presenciando dois grandes fenômenos da contemporaneidade: de um lado, a aproximação dos indivíduos por meio de softwares em um verdadeiro mundo por “telas” e de outro, uma reorganização social e econômica produzida pela pandemia da Covid-19. Neste artigo, a proposta foi discutir quais reinvenções e “absurdos” estão sendo deflagrados com este binômio na educação, como ele pode afetar os envolvidos e quais são as suas reações possíveis. Se de um lado, as tecnologias permitiram a continuidade de muitas atividades do conhecimento humano durante a pandemia, de outro, parece que está se desenhando uma possível “disrupção” no ensino que pode se tornar irreparável. Para contribuir com este trabalho, foram trazidas constatações baseadas em autores que já se debruçaram sobre o tema e pesquisas de exemplos atuais que, no mínimo, corroboram e chamam a atenção da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Tecnologia. Educação. Covid-19.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP, Brasil. Pesquisadora, doutoranda e mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC/SP) - cris-samaria@uol.com.br

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP, Brasil. Professor, mestre em Administração de Empresas e doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC/SP) - edgard.valderramas@gmail.com.br

³ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP, Brasil. Jornalista, especialista em Economia e Gestão das Relações de Trabalho (PUC/SP) e mestranda em Tecnologias da Inteligência e Design (PUC/SP) - patriciacsb@gmail.com

⁴ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP, Brasil. Pesquisadora, pós-doutora em Comunicação pela Universidade Beira Interior, Portugal, doutora pela USP, professora titular do programa TIDD/PUC-SP e autora de 9 livros sobre comunicação digital - pollyana@pucsp.br



Abstract

In addressing the relationship between people and technologies, the world is witnessing two major contemporary phenomena: on the one hand, the approximation of individuals through software in a real world through “screens” and on the other, a social and economic reorganization produced by the Covid-19 pandemic. In this article, the proposal was to discuss which reinventions and absurds are being triggered with this binomial in education, how it can affect those involved and what are their possible reactions. If, on the one hand, technologies have allowed the continuity of many activities of human knowledge during the passage of this pandemic, on the other it seems that a possible "disruption" in education is being developed, which may become irreparable. In order to contribute to this work, observations were made based on authors who have already studied the topic and research on current examples that, at least, corroborate and draw the attention of the academic community.

Keywords: Technology. Education. Covid-19.

1. Introdução

O artigo *Educação – reinvenções e absurdos em tempos da Covid-19* busca, por meio de análises a partir dos recentes efeitos da pandemia, lançar luzes sobre como a educação tem se recriado dia após dia sob esse novo prisma, promovendo um debate sobre o impacto das novas tecnologias sobre a questão do humano e como as modernas formas de ensino que se delinearão a partir desse novo paradigma permitiram o surgimento de aberrações da contemporaneidade. Como base para fundamentação teórica e embasamento bibliográfico para contribuir nesta discussão e, sempre considerando a transdisciplinaridade das ideias, foram conectadas as obras de autores como as do sociólogo Zygmunt Bauman, dos filósofos Antonio Negri, Byunj-Chul Han, Gilles Deleuze e Michel Foucault, do professor e pesquisador Yuval Harari e do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, entre outros.

O trabalho, que do ponto de vista metodológico realiza uma discussão teórica a partir dos pressupostos da Educação e uma pesquisa exploratória da realidade trazida pelos efeitos da Pandemia, está subdividido em três grandes eixos: o primeiro, relata como a educação está inserida no modelo de controle das sociedades e suas consequências; o segundo, trata os efeitos que a pandemia do novo coronavírus trouxe



sobre o planeta e como será o legado que está se desenhando e, por fim, por meio de exemplos atuais, quais são as “reinvenções” e as aberrações já registradas pela academia. Segundo Filatro (2004), com o surgimento das novas tecnologias, encontramos a educação online como “uma ação sistemática de uso de tecnologias, abrangendo hipertexto e redes de comunicação interativa, para distribuição de conteúdo educacional e promoção da aprendizagem, sem limitação de tempo ou lugar [...]”, pois pode ocorrer totalmente no presencial, no semipresencial ou a distância e “sua principal característica é a mediação tecnológica para conexão em rede”. (FILATRO, 2004, p. 47).

Dentre as características dessa modalidade, está a evolução da área de Interação Humano-Computador (IHC), que nos ajuda a compreender toda a metamorfose que a educação online vem sofrendo com o advento da mídia social. Para o psiquiatra Henrique Schützer Del Nero, fundador e coordenador do Grupo de Ciência Cognitiva do IEA nos anos 1990, “o pensamento tornou-se computação, sinônimo de cálculo”. Este artigo procura resgatar o humano da educação online, principalmente depois da publicação da Portaria 2.117, de dezembro de 2019, assinada pelo, então, ministro da Educação, Abraham Weintraub, que promove uma espécie de “passagem da boiada” na Educação a Distância (EaD) para as IES privadas. A portaria permitiu que as escolas passassem a oferecer “carga horária na modalidade de EaD na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais até o limite de 40% da carga horária total do curso”, segundo noticiou artigo da ADUSP⁵.

2. A cifra como senha: a pedagogia precária

A educação também foi atingida pela emergência. De um dia para o outro, o ensino remoto⁶ substituiu a modalidade presencial, tornando-se a única forma de

⁵<https://www.adusp.org.br/index.php/defesa-do-ensino-publico/3744-demissoes-em-massa-nas-universidades-particulares-atestam-conversao-acelerada-para-modalidade-ead-e-sinalizam-desemprego-estrutural-dos-docentes>. Acessado em 18/07/2020.

⁶ Para Hodges *et al* (2020), a educação remota não é uma modalidade de ensino, é um modo emergencial e temporário que substitui a modalidade presencial, em razão do isolamento social para o combate ao covid-19. Tal confusão ocorre em face da apropriação de ferramentas da EaD.



ensino. Esse ensino que é uma alternativa para substituir a modalidade presencial, em face ao isolamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), como consequência levou todos os níveis da educação para um mundo mediado pelas máquinas. Tal mudança é pontuada por muitos especialistas da educação como positiva, nos seguintes sentidos: (i) por levar a educação ao mundo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC); (ii) a possível mudança do ensino presencial para o ensino híbrido⁷, ou *blended learning*; (iii) por aproximar a escola e os professores do aluno nativo digital. Por outro lado, evidenciou uma avalanche de desinformação também no setor educacional. O auge ocorreu no Ministério da Educação, na nomeação de um ministro cujo currículo lattes⁸ continha um doutorado e um estágio de pós-doutorado falsos. Para Santos (2020, p. 98, apud WARDLE; DERAKHSHAN), a desordem informacional compreende:

[...] como um fenômeno que engloba notícias falsas (conexões falsas e conteúdos enganosos); desinformação (conteúdo falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado) e má informação (vazamentos, perseguição e discursos de ódio) [...].

No entanto, Deleuze já mencionava, em 1990, que estávamos “[...] numa crise generalizada de todos os meios de confinamentos, prisão, hospital, fábrica, escola, família [...] no qual os ministros não param de anunciar reformas supostamente necessárias” (1990, p. 220). Passávamos da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Mesmo estando na sociedade de controle, alguns resquícios da sociedade disciplinar foucaultiana (1987) ainda são presentes no sistema educacional. Um deles é o sistema avaliativo. Nele, o educando é classificado, classificação essa que somente o rotula. Os melhores são recompensados passando para um nível superior, em detrimento do aluno que não alcançou um bom desempenho, que é punido com a retenção.

⁷ O ensino híbrido é a mistura do ensino presencial e o EaD, Mattar (2017).

⁸ O currículo Lattes é uma plataforma elaborada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a qual armazena currículos acadêmicos, sendo padrão na área acadêmica. Acesse: <http://lattes.cnpq.br/>



Ainda que o nosso sistema avaliativo não tenha alterações, Bauman (2009, p. 662) afirma que a crise atual na educação é diversa, no fato de atribuírem:

[...] um duro golpe à verdadeira essência da ideia de pedagogia formada nos albos da longa história da civilização: problematizam-se as “invariantes” da ideia, as características construtivistas da própria pedagogia (que, incólumes, resistiram às mudanças do passado) [...].

A principal invariante contemporânea da educação é transformá-la de um direito de todos os cidadãos em um produto. Neste contexto, Deleuze (ibid.) relata que [como um vírus] o capitalismo teve uma mutação: não é mais dirigido para a produção, mas para um produto à venda. Vimos a ação desse vírus em uma instituição de ensino que demitiu, em massa, por uma mesma *pop-up* da plataforma de aulas. No lugar das aulas, que já estavam programadas pelos professores, foram inseridas palestras, as famosas *lives*. Dessa perspectiva, como um produto, as aulas foram substituídas sem objetivo “educacional”.

O consumo imediato da modernidade líquida e sociedade de controle passou a vigorar também na educação. A educação como mercado, cujo produto prioriza a redução de custos, lado este evidenciado na pandemia, tem se desdobrado em ações, nas instituições de ensino citadas neste artigo, as quais expõem um lado desumano e precário da massificação do ensino.

Há um consenso de que as mudanças de tecnologias transformam a nossa sociedade, da mesma forma como estamos condicionados à cultura. Para Deleuze (1990, p. 223):

[...] as antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus.



A série de ficção científica “The Feeds”, 2019, da Prime Vídeo, retrata uma sociedade totalmente dependente da tecnologia. A série faz uma crítica à nossa desumanização em relação às tecnologias. Os criadores da “fonte” são os Hatfield, que implantam, sem autorização, um conector no cérebro das pessoas, não sendo mais necessário o uso de *gadgets* como celulares, e acabam por controlar a sociedade por meio dessa fonte. Nessa série, é possível entender os dois perigos destacados por Deleuze, o ativo: o vírus que, no filme, procura destituir o passivo: a interferência da família Hatfield.

Passando dos filmes à educação, a digitalização de todos os processos educacionais, principalmente das aulas, causa consequências. Por enquanto, o perigo é o passivo, a interferência. Nessa interferência vimos: (i) professores sendo ‘incentivados’ a gravarem suas aulas; (ii) turmas sendo aglutinadas para diminuir o número de docentes, ou de horas-aula; (iii) aulas sendo assistidas pela liderança da escola/universidade; (iii) demissão em massa de professores; (iv) e o mais aterrorizante, educadores sendo substituídos por robôs com inteligência artificial.

Destacamos aqui que, como preconizou o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire (1921 - 1997), entendemos a educação como um ato revolucionário, de coragem e humanizadora. Nas palavras de Freire (1983, p. 104), “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate”.

Em tempos de pandemia, a educação, da mesma forma como toda a sociedade, precisou se adaptar às mudanças relacionadas à Covid-19, sem nenhum aviso prévio, e sem tempo para formação dos professores. Para os docentes do ensino presencial que utilizam as metodologias ativas em suas aulas e recursos das TDIC como instrumento à pedagogia ativa⁹ e revolucionária, a mudança não causou impacto, pois eles apenas digitalizaram por completo suas aulas.

Entretanto, para o professor que persiste no ensino tradicional, tal mudança fez com que ele saísse da zona de conforto. Muitas vezes, esse professor é vítima de uma

⁹ Pierre Lévy (1998) entende como pedagogia ativa a utilização de recursos de hipertexto ou multimídia interativa que, por sua dimensão reticular e não linear, favorece uma atitude exploratória, perante o material a ser assimilado.



formação que é distante da realidade, e perpetua uma cultura da aprendizagem ultrapassada, impondo suas ideologias e leitura de mundo, sem considerar as possibilidades das TDIC, muito menos, de que estamos inseridos na cultura digital, distanciando-se do aluno nativo digital.

Paulo Freire nomeou esse tipo de educação como “educação bancária”, que considera “o educador [o qual hoje pode ser um robô] faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem [...]”, Freire e Macedo (1990, p. 33). Neste mesmo sentido, Bauman (ibid.) afirma que essa aprendizagem é definida por Gregory Bateson como uma patologia cancerígena que se alimenta no corpo da instrução.

Bauman (ibid.) apresenta dois desafios para os quais a pedagogia [ativa] deve enfrentar: (i) o conhecimento pronto para utilização imediata, o qual se apresenta como mais atraente do que o proposto por uma educação sólida e estruturada; (ii) que a pedagogia deriva da natureza excêntrica das mudanças contemporâneas, o que, para ele, reforça o primeiro.

Dentro desse contexto, essa pedagogia ‘precária’, pronta para consumo imediato, a qual pode ser repassada diversas vezes, garantindo-se o lucro em escala dessas instituições, em razão da ausência de um pensamento crítico e ético, e pelo poder de transmissão de conhecimento, não necessita ser ofertada por um docente, pode ser ministrada por um robô, maximizando, ainda mais, os lucros dessas instituições de moer carne. Como na escola do clipe de Pink Floyd: *Another Brick in The Wall*¹⁰.

E, assim, a educação é uma fonte, como na série, mas de lucros, conforme denuncia Fava (2018, p. 45) e tornou-se:

[...] um grande negócio com duas categorias de instituições. A primeira, escolas ou grupos que *são* da educação e *estão* no mercado de capitais; a segunda, trata-se de instituições ou grupos que são do mercado de capitais e estão na atividade de educação. O primeiro tem

¹⁰ Another Brick In The Wall. Pink Floyd. Release of the film in 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>, acesso em 08/07/2020.



como propósito primordial a oferta de educação de excelência que possa auxiliar os estudantes a realizarem seus sonhos. O segundo tem capital social, em sua maioria, pertencentes a bancos de investimentos, fundos, private equity, com o fito, enquanto for possível, de gerar o máximo de lucratividade e crescimento. A qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem é apenas um detalhe de terceira, quarta ou quinta prioridade.

Na pedagogia 'precária', cuja qualidade é apenas um detalhe de última prioridade, "[...] o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, [...] a linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição [...]" (Deleuze (1990, p. 222). Para o autor, o dinheiro talvez seja o que melhor exprima a distinção entre as duas sociedades: disciplinar e de controle. A primeira a medida padrão eram as moedas cunhadas de ouro, enquanto a segunda remete a trocas flutuantes (modulações que intervêm como cifra) no qual os indivíduos tornaram-se "dividuais", as grandes massas agora são amostras, mercados ou dados.

Neste contexto, a cifra é a senha de quem entra nessas instituições, ela decide quem fica e quem sai, ela demite em massa por uma mesma *pop-up* da plataforma de aulas. Decide também pela troca do educador pelo robô. Nesses exemplos, revela um lado sombrio dessas instituições. A cifra sobressai à ética, à empatia, a cifra é a dona da razão e da formação. Do mesmo modo, na sociedade de controle, a cifra valoriza essa "diminuição" de gastos como fator de valorização de mercado, não importando o que será penalizado para efetivá-la. Como no exemplo da venda de uma dessas instituições objeto deste artigo, venda essa na casa dos bilhões de Reais¹¹.

Paulo Freire nomeou com a metáfora de ensino bancário esse tipo de educação, antevendo que, no futuro, a grande maioria de seus donos seriam, *ipsis litteris*, bancos de investimentos. Por outro lado, a perspectiva freiriana do educador, aquele que não se contamina com a pedagogia precária, que educa como um ser ético:

¹¹ <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/09/14/ser-educacional-fecha-compra-das-operacoes-da-laureate-no-brasil-por-r4-bi.htm>, acesso em 04/10/2020.



O que, sobretudo, me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los. Defender com seriedade, rigorosamente, mas também apaixonadamente, uma tese, uma posição, uma preferência, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, ao discurso contrário, é a melhor forma de ensinar, de um lado, o direito de termos o dever de “brigar” por nossas ideias, por nossos sonhos e não apenas de aprender a sintaxe do verbo haver, do outro, o respeito mútuo (1992, p. 78).

É importante ressaltar aqui que há instituições que prezam por uma EaD séria, que buscam desenvolver uma formação crítica e ética do educando, que entende a semântica do verbo haver, na leitura do mundo, cujo propósito maior é promover uma educação de excelência. Na batalha por uma EaD de qualidade, como preconiza Negri e Hardt, são “lutas pelo comum, no sentido de que contestam as injustiças do neoliberalismo e, em última análise, a regra da propriedade privada” (2014, p. 15). Nos casos das instituições objeto deste artigo, a cifra é imperativa, ela demite aquele que educa com respeito mútuo, que estimula e respeita o discurso contrário, até como forma de defender as próprias ideias e os sonhos. Aquele que educa enfrentando a desvalorização de sua profissão, em uma jornada dupla, ou tripla em razão desse desprestígio, que enfrenta a falta de infraestrutura e tantos outros desafios. Aquele que educa, sobretudo, por amor.

3. Os efeitos da pandemia

Em tempos de pandemia do mundo moderno, as tecnologias assumiram um papel de protagonismo e foram colocadas a prova em diversos setores da sociedade. Notadamente, os novos dispositivos empregados com seus robustos algoritmos e *softwares* estão contribuindo para detecção e erradicação do problema.

Em matéria de tecnologia médica, estamos em uma situação mais privilegiada que nunca na história para enfrentar uma pandemia. Felizmente, não vivemos na Idade Média, e todos devem saber que o coronavírus não é a peste negra. Na Idade Média, ninguém entendia o que estava acontecendo quando vinha uma epidemia. Aliás, até coisa de um século atrás, durante a gripe espanhola, os médicos não



entendiam o que causava a doença, muito menos como ela podia ser vencida. Hoje temos conhecimento científico e a tecnologia para colocá-lo em prática. Foram necessárias apenas duas semanas para identificar o vírus causador da Covid-19 e sequenciar seu genoma. Não há dúvida da nossa capacidade de entender e controlar uma pandemia.” (HARARI, 2020).

Haverá um grande salto no controle de doenças, principalmente por meio de uma vigilância biométrica que permitirá, além de controlar todos os nossos dados como pressão arterial, temperatura corporal e histórico médico, nos conhecer muito melhor do que atualmente é possível (HARARI, 2020).

O novo “mundo por telas” pôde ser assistido em várias áreas do conhecimento humano e corroboraram, e muito, no sentido de auxiliar a continuidade das atividades humanas, econômicas e sociais, apresentando diversas vantagens no seu uso intenso e estruturado, mas também criando novos e desafiadores problemas, verdadeiros “absurdos” de ordens sociais e de comportamentos que devem ser observados.

A reestruturação econômica, política, cultural e de saúde prevista por Harari pode ser considerada como otimista fazendo com que processos históricos avancem muito rapidamente, mas, por outro lado, devemos nos preparar para todas essas mudanças comportamentais e desenvolver mecanismos para saber lidar com elas no sentido de criar alternativas de combate e enfrentamento dessa nova realidade.

Um exemplo que seria a transformação dos indivíduos em verdadeiras máquinas de desempenho, como citado por Byunj-Chul Han (2017) em seu livro “A Sociedade do Cansaço”, no qual explora a ideia de cansaço, mostrando que a sociedade do desempenho se reverte vagarosamente em uma sociedade do doping.

Com o uso de determinadas substâncias um cientista poderia ter um *neuro-enhancement*, ou seja, um melhoramento cognitivo, transformando-se numa máquina de desempenho, uma vez que sua produção é maximizada. O contraponto dessa exacerbação do desempenho é o esgotamento e o cansaço excessivo.

Considerado esses fatores, pode-se observar dois grandes movimentos da modernidade pandêmica: por um lado o aparecimento de novos males provocados



pelo uso exacerbado da tecnologia aliado ao trabalho e produção excessivos, na maioria sem hora para começar e terminar, bem como a conexão 24 horas x 7 dias por semana e por outro, o receio de do surgimento do que o filósofo italiano Antônio Negri (2005) chama de Império, novas culturas de poder sobre as pessoas e profissionais e, conseqüentemente, desencadeando o sucateamento de atividades. “A crise atual pode despertar os demônios da humanidade. Se conduzida com egoísmo, só levará a ódio, ganância e ignorância, e estimulará o surgimento de ditadores” (HARARI, 2020).

4. Tecnologia e precarização do trabalho docente

A tecnologia transforma constantemente a forma como aprendemos e ensinamos, construindo ferramentas que permitem o crescimento econômico, favorecem a inovação e capacitam profissionais para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Segundo a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), a América Latina se transformou, durante a última década, em um mercado emergente no uso de programas e aplicativos tecnológicos por parte de empresas, governos e pessoas. O gasto na área alcançou US\$ 295 milhões de dólares em 2011, cerca de 5,2% do PIB da região.

No entanto, é necessário destacar que, em algumas regiões do Brasil, a infraestrutura tecnológica é de enorme precariedade – com falta de equipamentos básicos para ensino e baixa velocidade de internet –, o que dificulta a formação de professores e, conseqüentemente, o aprendizado de crianças e jovens.

Esses locais, para onde o olhar das políticas deve ser – e é – mais dirigido, trazem, no momento, uma enorme contradição: onde mais se precisa chegar com uma formação de professores com qualidade é justamente onde encontramos as menores condições concretas para que isso aconteça” (LAPA e PRETTO, 2010, p. 84).

Outra tensão contemporânea que a sociedade vive no campo da educação está em tratá-la como um negócio, não como um direito do cidadão e uma ferramenta para desenvolvimento social e econômico do país. Afinal, uma educação tratada com um



direito universal se contrapõe a um serviço, um bem econômico, que se organiza com uma empresa e busca rentabilidade e retorno do investimento.

No campo público, o que se tem observado é que esse processo de mercantilização da educação superior começa a ser implantado por dentro da própria universidade a partir dos mecanismos de financiamento que foram se difundindo ao longo dos anos, como já afirmamos anteriormente baseado nos estudos de Sguissardi e Silva Júnior. Com isso, as atividades de pesquisa (e ensino de pós-graduação) passaram a ser definidas a partir dos financiamentos e das avaliações realizadas por instituições como a Capes e o CNPq (LAPA e PRETTO, 2010, p. 91 e 92).

Em um caso recente, um dos grupos educacionais com mais alunos do país demitiu por volta de 300 docentes por meio de um comunicado pela plataforma de aulas e sem aviso prévio. Com a demissão inesperada dos professores, diversos estudantes deixaram de ter suas provas corrigidas, perderam conteúdo e alguns tiveram de assistir a vídeos gravados da internet durante as aulas.

De acordo com o Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP), a decisão é parte de um processo de “reestruturação da universidade, investimento no ensino a distância, redução da carga horária e do salário dos professores, o que teria levado a uma sobrecarga de trabalho”. A instituição já havia demitido uma grande quantidade de educadores em 2019.

Mais do que a pandemia, é possível que as demissões de agora sejam a continuidade desse processo cruel que visa reduzir custos com a folha de pagamento e ampliar, tanto quanto possível, as margens de lucro (SINPRO-SP, 2020a).

Em resposta ao sindicato, a instituição afirmou que “foi ao limite para manutenção do quadro funcional”, que os salários dos professores foram “garantidos pontualmente” e que “vultuosos” investimentos em tecnologia foram realizados.

Em busca de mais rentabilidade, as instituições de ensino, assim como empresas tradicionais, como afirmam os autores Lapa e Pretto, utilizam a tecnologia para reduzir gastos e maximizar lucros, no lugar oferecer uma educação mais inovadora e de maior



qualidade. Segundo Hardt e Negri, as pessoas estão cada vez mais privadas de sua liberdade porque vivem com medo “em relação a uma combinação de punições e ameaças externas”, como ficarem desempregadas e não serem capazes de sobreviver.

Na atualidade, a sociedade securitizada funciona mesmo mediante a mesma lógica ignóbil, mas, agora, os lobos já estão soltos, espreitando nas sombras, numa ameaça perpétua. Todos os tipos de injustiças podem ser justificados pelas aparições fantasmagóricas de um medo generalizado (HARDT e NEGRI, 2014, p. 39).

E com o coronavírus em 2020, a pandemia se tornou álibi para a degradação do trabalho do professor, em contraste com a valorização do ensino a distância: crise financeira e quarentena. Para enxugar custos com mão de obra qualificada, uma rede de instituições de ensino norte-americana, com 11 universidades no Brasil, utilizou robôs para avaliar atividades dissertativas de alunos de cursos à distância sem que eles soubessem. Os professores, cientes da substituição tecnológica, foram proibidos de compartilhar a informação com os estudantes e obrigados a mentir, dizendo que, de fato, estavam corrigindo as falhas. Um mês após a mídia divulgar o uso indevido de robôs pela instituição, em abril de 2020, 90 professores de ensino a distância foram demitidos. Segundo a rede, o corte ocorreu porque eles trabalhavam exclusivamente na modalidade online. Desde maio de 2020, os docentes passaram lecionar tanto em sala de aula quanto virtualmente.

Em resposta às demissões, a Sinpro-SP lembrou que a rede havia demitido 70% dos professores do EaD em 2018, o que corrobora a justificativa de substituição de professores por robôs, conforme o avanço da tecnologia.

Ora, o EaD já vinha sendo realizado com poucos professores. Quem, então, dará aulas daqui pra frente? Os mesmos robôs que corrigem as provas? Ou essas aulas serão incorporadas a outras atividades letivas já existentes, sobrecarregando professores do EaD e do presencial e aumentando o lucro da empresa? (SINPRO-SP, 2020b).

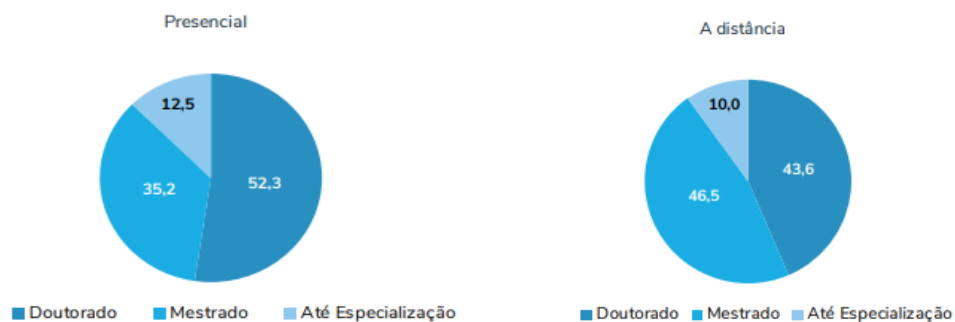
Na contramão da desvalorização dos professores de ensino superior, sobrepujada pela tecnologia, a qualificação da categoria aumenta a cada ano, segundo



dados do Censo da Educação Superior 2018, do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). De acordo com o Censo da Educação Superior 2018, mais de 80% dos 384 mil docentes do país têm mestrado e/o doutorado (BRASIL, 2020). Há cada vez mais professores com doutorado nas instituições públicas de educação superior: 64,3%. Há dez anos, essa proporção era de 44,3%.

Na diferenciação por modalidade de ensino, 87,5% dos docentes de cursos presenciais possuem mestrado ou doutorado, sendo que o predomínio é de doutores. No modelo EaD, esse percentual é de 90%, porém a maior parte dos professores tem mestrado.

Figura 1: Gráficos com qualificação dos professores de ensino presencial e a distância



Fonte: Inep

5. Considerações finais

O artigo buscou refletir sobre os efeitos e consequências das relações entre educadores e as tecnologias, em meio à pandemia da Covid-19, em que as tecnologias assumiram um papel de protagonista em diversos setores da sociedade, além de favorecer a inovação e capacitação, desdobrando-se em uma sociedade cada vez mais competitiva. Por outro lado, utilizam a tecnologia para redução de gastos e maximizar lucros. Não obstante, a educação analógica precisou se adaptar a este novo cenário, que transferiu todos os níveis da educação para o mundo mediado pelas máquinas.



Nesse novo panorama, o “mundo por telas” viabilizou a continuidade das atividades humanas, econômicas e sociais, apresentando vantagens no seu uso intenso e estruturado. Concomitantemente, a tecnologia criou desafiantes problemas, verdadeiros “absurdos” de ordens sociais e de comportamentos que devem ser debatidos e observados.

Na educação, “o mundo por telas” é analisado por especialistas da área no seu possível lado positivo: levar a educação às TDIC; a possível mudança do ensino presencial para o híbrido; aproximar a escola e os professores dos nativos digitais. Por outro lado, a pandemia apontou que a educação foi atingida pela desinformação e deu relevância a problemas antigos que o setor não foi ainda capaz de solucionar: a exploração e a desvalorização do professor, que chegou, em algumas instituições a ser substituído por robôs [sem aviso aos alunos]. No caso, por exemplo, da UNINOVE as demissões em massa ocorreram por um comunicado na plataforma de aulas, noticiado depois na imprensa como se fosse caso de fake news.

A educação sendo mediada pelas máquinas computacionais, da sociedade de controle, apresenta dois perigos: o vírus e a interferência. Por enquanto, temos o perigo da interferência, no qual vimos desde o “incentivo” à gravação de aulas, até educadores sendo substituídos por robôs.

Para o docente que já utiliza em suas aulas das metodologias ativas e as TDIC como instrumento à pedagogia ativa, a mudança massiva para o “mundo das telas” não representou mudanças. No entanto, o professor que ainda persiste no ensino tradicional, precisou se adaptar ao novo mundo, mas não hesitou em se qualificar para dominar um conhecimento que, muitas vezes, não faz parte de seu cotidiano como pessoa. Evidentemente, essa mudança levou os educadores ao cansaço, da sociedade do desempenho.

Ressaltamos aqui que eles, muitas vezes, são vítimas de uma formação distante da realidade e, assim, perpetuar uma cultura de aprendizagem ultrapassada, impondo suas ideologias e leituras de mundo. O ensino tradicional não considera que estamos inseridos na cultura digital. Por este motivo, há um desinteresse dos nativos digitais por esse tipo de ensino, pois eles vivenciam plenamente essa cultura.



Diante dessa perspectiva, nomeamos essa pedagogia de “precária”, pronta para o consumo imediato, da modernidade líquida, que pode ser repassada diversas vezes. O objetivo, nesse caso, é garantir o lucro em escala das instituições, em detrimento de um pensamento crítico e ético, uma vez que a transmissão do conhecimento já pode ser feita por robôs e a qualidade acaba se tornando apenas um detalhe na lista de prioridades. O retorno financeiro toma o controle de quem entra nessas instituições. Esse é o lado sombrio das instituições de ensino superior, onde a cifra é sobreposta à ética e à empatia. Paulo Freire nomeou metaforicamente esse tipo de educação de “bancária”, antevendo que, no futuro, o capital social das universidades seria, em grande parte, advindo de bancos de investimentos.

Cabe destacar aqui que há instituições que prezam por uma EaD de qualidade, que contestam as injustiças do neoliberalismo e buscam desenvolver a formação crítica e ética do educando, no contexto de vida do discente, cujo propósito é uma educação de excelência. Nos casos das instituições objeto deste artigo, a cifra é imperativa — ela demite aquele que educa. Paradoxalmente, o dinheiro não pune aquele que educa por remuneração, mas o que educa “com” o educando. O professor, por essência, estimula e respeita o discurso contrário, apoia o desenvolvimento dos estudantes e enfrenta a falta de infraestrutura das instituições e a desvalorização da profissão para ensinar por um único motivo: amor.

Referências

Webgrafia:

CUNHA, D. S. Positividade, Transparência e Controle. A Sociedade da Transparência. OpenEdition Journals. Vol. 10, nº 17, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/913>

DOMENICI, T. La red Laureate usa robots en lugar de profesores sin el conocimiento de los estudiantes. Aliados. 30/04/2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/la-red-laureate-usa-robots-en-lugar-de-profesores-sin-el-conocimiento-de-los-estudiantes/>



LAIER, P. A. Dona da Anhembi Morumbi e FMU fecha venda para Ser Educacional, por R\$ 4 bi...

Economia. 14/09/2020. Disponível

em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/09/14/ser-educacional-fecha-compra-das-operacoes-da-laureate-no-brasil-por-r4-bi.htm>

MARTHE, M. Harari: 'Trump e Bolsonaro não querem assumir responsabilidade na crise'. Páginas Amarelas. 22/-5/2020. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/harari-trump-e-bolsonaro-nao-querem-assumir-responsabilidade-na-crise>

Sem autor. Demissões em massa nas universidades particulares atestam conversão acelerada para modalidade EaD e sinalizam desemprego estrutural dos docentes.

Adusp. 14/-7/2020. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesa-do-ensino-publico/3744-demissoes-em-massa-nas-universidades-particulares-atestam-conversao-acelerada-para-modalidade-ead-e-sinalizam-desemprego-estrutural-dos-docentes>

Referências bibliográficas

Another Brick In The Wall.[Videoclipe] Pink Floyd. Release of the film in 1982.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>, acesso em 08/07/2020.

BAUMAN, Z. Entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 39, n. 137, São Paulo, may/ Aug, 2009.

Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000200016

BRASIL. Inep registra aumento de mestres e doutores no ensino superior.

Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 07, jan. 2020. Disponível em:

<https://www.capes.gov.br/36-noticias/10125-inep-registra-aumento-de-mestres-e-doutores-no-ensino-superior>

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **L'Autre Jornal**, nº 1, maio de 1990.

FAVA, R. **Trabalho, Educação e Inteligência Artificial: a era do indivíduo versátil**.

Rio Grande do Sul: Penso Editora, 2018.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Educ/Armazén da Cultura, 2018.



FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia.** São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão;** tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um encontro com a Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, 128p.

HODGES, C. et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>,

LAPA, A.; PRETTO, N. L. Educação a distância e precarização do trabalho docente. **Em Aberto.** Brasília, v. 23 p. 79-97, nov, 2010.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1998.

MATTAR, J. **Metodologias ativas: para a educação presencial, blended e a distância.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MELO, C. **Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>. Acesso em: 7 jul. 2020.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Declaração - Isto não é um manifesto.** Trad.: Carlos Szlak. São Paulo: n-1 edições, 2014.



RAÍZES E RUMOS

Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEXC

ISSN: 2317-7705 online
ISSN: 0104-7035 impresso



SAHD, Luiza. **Guru dos nossos tempos, Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia.** Disponível em:

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/guru-dos-nossos-tempos-yuval-harari-aponta-os-cenarios-pos-pandemia.htm>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SANTOS, J. Construção do cidadão mídia-ativo na era da desinformação. **In: Nós: Tecnoconsequências sobre o humano** [recurso eletrônico]/ Pollyana Ferrari (org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

SINPRO-SP. Demissões na Uninove: alerta importante! **Sindicato dos Professores de São Paulo**, 22, jun. 2020a. Disponível em:

<http://www.sinprosp.org.br/noticias/3954>.

SINPRO-SP. Laureate volta a demitir em massa. SinproSP quer reintegração.

Sindicato dos Professores de São Paulo, 13, maio. 2020b. Disponível em:

<http://www.sinprosp.org.br/noticias/3912>.

The Feeds. [Sériado de televisão] Produção da Amazon Studios. Criação Channing Powell. Principais Intérpretes: Michelle Fairley, Guy Burnet, Nina Toussaint-White, David Thewlis. Reino Unido: Channing Powell, 2019. 1ª temporada: 10 episódios. Série exibida pela Prime Amazon. Acesso em: 01/07/2020.